

INFÂNCIA EM TEMPOS DE GUERRA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE *MENINO MAMBA-NEGRA* E *MUITO LONGE DE CASA: MEMÓRIAS DE UM MENINO-SOLDADO*

Shirley de Souza Gomes Carreira^{1*}

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar duas obras que têm como protagonistas crianças que, por força das circunstâncias, foram obrigadas a deixar a terra natal, se viram em meio à guerra e tiveram de lutar pela sobrevivência: *Menino mamba-negra*, de Nadifa Mohamed, e *Muito longe de casa: memórias de um menino-soldado*, de Ishmael Beah. A primeira é uma narrativa semiautobiográfica e a segunda um *memoir*. Em ambas, os protagonistas vivem a experiência do refúgio e se tornam soldados. Partindo dos pressupostos teóricos de Márcio Seligmann-Silva, Walter Benjamin, Paulo Ricoeur, Michael Pollak e Diego Antonello em relação às operações da memória no testemunho do trauma, a análise focalizará em particular as estratégias utilizadas pelos autores ao narrar o impacto da guerra sobre as personagens.

Palavras-chave: Poética do refúgio; Trauma; Memória; Nadifa Mohamed; Ishmael Beah.

CHILDHOOD IN TIMES OF WAR: A COMPARATIVE ANALYSIS OF *BLACK MAMBA BOY* AND *A LONG WAY GONE: MEMOIRS OF A BOY SOLDIER*

Abstract

This article aims to analyze two works that have as protagonists children who, due to circumstances, were forced to leave their homeland, found themselves in the middle of war and had to fight for survival: *Black Mamba Boy*, by Nadifa Mohamed, and *A Long Way Gone: Memoirs of a Boy Soldier*, by Ishmael Beah. In both of them, the protagonists live the experience of refuge and become soldiers. Starting from the theoretical assumptions of Márcio Seligmann-Silva, Walter Benjamin, Paulo Ricoeur, Michael Pollak e Diego Antonello on the mnemonic operations in the

* Doutora em Literatura Comparada pela UFRJ (2000), com pesquisa de Pós- doutorado em Literaturas de Língua Inglesa (2004-2005). É professora associada de Literaturas de Língua Inglesa da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e docente permanente do Programa em Letras e Linguística da UERJ. É também Procientista UERJ/FAPERJ desde 2020 e Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ2 do CNPq (Processo 308799/2021-6). E-mail: shirleysgcarr@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>.



testimony of trauma, the analysis will focus in particular the strategies used by the authors when narrating the impact of the war on the characters.

Keywords: Poetics of refuge; Trauma; Memory; Nadifa Mohamed; Ishmael Beah.

Do refúgio às armas: crianças em tempos de guerra

[...] logo adiante da fronteira entre “nós” e os “outros” está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas.

Edward Said

A epígrafe que abre este texto faz parte do ensaio *Reflexões sobre o exílio*, onde Edward Said (2003, p. 46) se reporta à dolorosa experiência do abandono forçado do lugar natal, definindo-a como uma “fratura incurável, cujo resultado é uma “tristeza essencial [que] jamais pode ser superada”. Muito embora o autor parta da condição do exilado para a sua reflexão, a experiência não está muito distante da situação vivida pelo refugiado. Para Said (2003, p. 47), “os refugiados são uma criação do Estado do século XX [...] grandes rebanhos de gente inocente e desnorreada que precisa de ajuda internacional urgente”.

O reconhecimento da condição de refugiado, entretanto, passa por alguns critérios: a perseguição, o fundado temor e a extraterritorialidade. Segundo o *Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado*, elaborado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR (2011), a ameaça à vida ou à liberdade de um indivíduo, motivada pela sua raça, religião, nacionalidade, opiniões políticas ou pertencimento a um grupo social específico, deve ser sempre caracterizada como perseguição. O fundado temor de perseguição é verificado a partir do confronto entre o depoimento do refugiado e a situação objetiva do Estado agente da perseguição. A extraterritorialidade, por sua vez, se caracteriza quando o solicitante de refúgio está fora de seu país de origem.

Apesar de o artigo 2º. da Declaração Universal dos Direitos Humanos ([1948] 2020) preconizar que todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países, nem sempre as fronteiras desses países estão abertas para recebê-los, razão pela qual a situação de refúgio se tornou uma das maiores crises humanitárias do mundo contemporâneo.

Ao longo do tempo, os deslocamentos em massa causados por situações que constituem ameaças à vida têm sido matéria da literatura, ora no formato de *memoir*¹, ora como tema para obras ficcionais. Em meio às inúmeras obras que abordam o refúgio, encontram-se narrativas que focalizam a situação da criança em tempos de guerra. Algumas dessas obras são puramente ficcionais, apesar de se aterem a dados que podem ser constatados em documentos oficiais sobre refugiados. Outras, resultam da experiência do autor ou de alguém que lhe é próximo.

Essas narrativas apresentam características comuns que correspondem a uma poética da literatura de refúgio: a razão do abandono da terra natal, o relato das condições adversas de deslocamento e a luta pela sobrevivência. Neste artigo, abordaremos duas obras que têm como protagonistas crianças que, por força das

circunstâncias, foram obrigadas a deixar a terra natal, se viram em meio à guerra e tiveram de lutar pela sobrevivência: *Menino mamba-negra*, de Nadifa Mohamed, e *Muito longe de casa*: memórias de um menino-soldado, de Ishmael Beah, ambas escritas em inglês. O propósito do estudo é analisar as obras comparativamente, identificando as estratégias utilizadas pelos autores ao narrar o impacto da guerra sobre as personagens.

1. Narrar o trauma: o desafio à memória e à ficção

Em “Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, Seligmann-Silva (2008, p. 65) afirma que “a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade”, visto que, devido às limitações da memória humana, muitas vezes recorremos aos arquivos históricos ou à memória coletiva para preencher lacunas. Todo relato memorialístico é atravessado pela necessidade de superar a tensão entre a manutenção (lembrança) e a repressão da memória (esquecimento), esta última de modo consciente ou inconsciente. É nessa tensão entre lembrança e esquecimento que as duas narrativas cuja análise propomos se constroem.

Partindo da perspectiva de Émile Benveniste sobre a natureza do testemunho, Seligmann-Silva (2008) distingue entre os relatos *superstes* e *testis*, ou seja, respectivamente, o relato de quem viveu a situação traumática e dá testemunho sobre a própria experiência e o relato daquele que viu e dá testemunho sobre aquilo que viu. Esses conceitos estabelecem assim, uma distinção quanto ao nível de envolvimento do narrador nos acontecimentos narrados. Entretanto, para os fins desta análise, recorreremos ainda ao relato do *arbiter* (Sarmiento-Pantoja, 2019), aquele que ouviu e arbitra o que e como narrar.

Menino mamba-negra, primeiro romance de Nadifa Mohamed, autora somali radicada no Reino Unido desde os 4 anos de idade, é uma narrativa semiautobiográfica, baseada em experiências traumáticas vividas pelo pai da autora, um somali que trabalhou como marinheiro mercante pela Grã-Bretanha nas décadas de 1930 e 1940, durante o período colonial. Em uma entrevista concedida à Christine Matzke em 2013, Mohamed afirmou que sua intenção inicial era, de fato, escrever uma biografia de seu pai, entretanto, ao longo das conversas que tiveram para que ela pudesse compilar dados, percebeu que, embora ele tivesse memória de muitos detalhes importantes, não conseguia preencher determinadas lacunas que envolviam seus sentimentos em relação a fatos e pessoas. Essa constatação levou-a a distanciar-se da narrativa oral e dar asas à imaginação, de modo que o enredo se tornasse mais consistente, o que também possibilitou a inserção de episódios relevantes da história da Somália. A narrativa ficcional, em terceira pessoa, em *Menino mamba-negra* aproxima-se, portanto, do relato do *arbiter*.

Muito longe de casa: memórias de um menino-soldado é um *memoir*, escrito por Ishmael Beah, um ex-menino soldado, nascido em Serra Leoa, em que ele

narra sua trajetória durante o conflito ocorrido entre 1991 e 2002, quando a Força Revolucionária Unida insurgiu contra o governo.

Ao narrar a própria história em primeira pessoa, Beah produz um relato *superstes*. Embora o caráter memorialista da sua narrativa esteja claro no subtítulo do livro, nenhum registro de memórias traduz a totalidade do que foi vivido devido à incapacidade da memória humana de armazenar todos os detalhes da experiência. Segundo Mourão Júnior e Faria,

[...] por mais carregado de emoção que seja um evento, nunca seremos capazes de nos lembrar de todos os detalhes [...] Além das perdas que ocorrem logo durante o processo de consolidação, toda vez que evocamos uma memória, modificamos mais ainda essa mesma memória. Portanto, com o passar do tempo, ao relatar uma vivência de nossa infância, por exemplo, estamos cada vez mais distantes de relatar o que realmente aconteceu [...] a evocação nada mais é do que um processo de edição de fragmentos de memória [...] visando formar um todo mais ou menos coerente. Por isso cada um lembra de um determinado fato à sua maneira. A evocação está, portanto, longe de ser uma reprodução fiel das informações que foram arquivadas. Trata-se, em verdade, mais de um processo criativo do que reprodutivo. (Mourão Júnior; Faria, 2015, p. 780).

Assim, ao falar de si, o narrador reelabora verbalmente a lembrança, preenchendo as lacunas da memória. Ainda que não intencionalmente, ao fazê-lo, recria os fatos narrados. Tendo estabelecido os tipos de narrador e o modo como se posicionam em relação ao trauma em seus relatos, examinaremos a seguir as estratégias dos narradores das duas obras para narrar a violência e o trauma.

1.1 Narrando o relato do outro: a história de Jama

A construção histórica é dedicada à memória dos sem nome.
Walter Benjamin

Nadifa Mohamed é historiadora e cientista política e, conforme as muitas entrevistas que concedeu, a estratégia de coleta de dados para o romance consistiu em uma pesquisa qualitativa a partir dos depoimentos do seu pai. De acordo com Le Vem *et al*:

As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele para e reflete sobre sua vida — e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência — se vê como um ator social e “criador da história”. Essas pessoas, de objetos da pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de autoanálise (1997, p. 220).

Por outro lado, a História Oral preocupa-se em criar diversas possibilidades de manifestação para os excluídos da história oficial, que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais.

Há dois focos narrativos centrais no romance – os sucessivos deslocamentos do protagonista e o impacto dos eventos históricos no Chifre da África.

Menino mamba-negra é composto por dez capítulos identificados por uma localização espaço-temporal, ou seja, o nome de uma localidade e o ano em que os fatos narrados aconteceram: “Londres, Inglaterra, agosto de 2008” (Mohamed, 2022, p. 7). No primeiro capítulo, que funciona como um prólogo ao romance, escrito em Londres, em 2008, Nadifa Mohamed se apresenta como o *griot* do seu pai e afirma que a narrativa é um hino a ele:

Conto a você esta história para poder transformar o sangue e os ossos de meu pai – e seja qual for a mágica que a mãe dele costurou debaixo de sua pele – em história. Para transformá-lo em herói; não do tipo lutador ou romântico, mas do real, a criança faminta que sobrevive a cada pedra ou flechada que a sorte desavergonhada joga contra ela e que agora pode sentar-se e contar as histórias de todos os que não conseguiram. Conto a você esta história porque ninguém mais vai contar. Chamemos os espíritos dos nove mil meninos que tolamente lutaram nas montanhas da Eritreia por Mussolini, que eram parecidos com meu pai, viveram como ele, mas tiveram suas vidas interrompidas por machados sem fio, os que morreram de fome, os que ficaram loucos e os que simplesmente desapareceram. (Mohamed, 2022, p.10).

Ao apresentar-se desse modo, Mohamed dá visibilidade não apenas à história do seu genitor, mas também a dos inúmeros anônimos que, com ele, experimentaram as agruras da existência do refugiado que habita uma terra alheia. Sua evocação dos espíritos dos mortos, como Vera Silva de Oliveira (2019) nos faz lembrar, ecoa a invocação da musa no gênero épico e preconiza a trajetória do protagonista, um somali nômade que percorre longas distâncias e vários países em condições precárias em busca de uma terra prometida. Esse primeiro capítulo não aparece em todas as edições do romance, mas fornece dados importantes acerca da escrita da obra. Nele a autora assume o papel da testemunha *arbiter*, conforme a tipologia usada por Sarmento-Pantoja (2019), em contraposição ao seu pai, a testemunha *superstes* (Seligmann-Silva, 2008), ou seja, aquela que vivenciou os eventos narrados.

Narrado em terceira pessoa a partir do segundo capítulo, o romance propriamente dito se inicia em Áden, Iêmen, um protetorado britânico no Sul da Arábia, no ano de 1935, e se estende por 12 anos, até 1947. O protagonista é Jama, uma criança de dez anos, que vive com a mãe, Ambaro, uma mulher que se tornou triste e amarga depois da partida do marido, Guure, que, após a morte da filha caçula, sentindo-se incapaz de sustentar a família, decidira tentar a sorte no Sudão. Sujeito às contínuas crises de humor da mãe, Jama sempre pensa no pai com saudade:

Ele queria voltar para Hargeisa, onde o pai conseguia acalmá-la com canções de amor. Era sempre no amanhecer que Jama sentia falta do pai; todas as suas memórias eram mais nítidas na luz da manhã: o riso do pai, canções em torno da fogueira e mãos macias, de dedos longos, envolvendo as suas. Jama não tinha certeza se eram lembranças reais ou apenas sonhos que se infiltravam na vida desperta, mas estimava aquelas imagens e torcia para que não desaparecessem com o tempo (Mohamed, 2022, p.18).

Já nesta passagem a tensão entre memória e esquecimento se instaura, na medida em que a personagem não consegue distinguir entre lembrança e imaginação.

Em Áden, Ambaró tinha sido acolhida pelos Islaweyne, parentes distantes e membros do clã da sua família, a quem o seu meio-irmão solicitara ajuda, “mas logo ficou claro que esperavam que a prima do campo fosse criada deles; cozinhando, limpando e dando à família a aparência de requinte” (Mohamed, 2022, p. 18). Só não esperavam que ela conseguisse um emprego em uma fábrica de café. Desde então, ela foi obrigada a dormir no telhado e não tinha permissão para comer com eles. Quando finalmente conseguiu dinheiro suficiente para levar o filho, na época com seis anos, para junto dela, a sra. Islaweyne ficou furiosa e proibiu suas crianças de terem contato com ele. A invisibilidade das personagens é assim descrita:

Cinco anos depois, Ambaró e Jama ainda viviam como fantasmas no telhado, deixando tão poucos traços de existência quanto possível. A não ser pelas roupas cuidadosamente empilhadas que Ambaró lavava e Jama estendia para secar, eram raramente vistos ou ouvidos pela família (Mohamed, 2022, p. 20).

Com a mãe trabalhando na fábrica o dia inteiro e a discriminação infligida pelos Islaweyne, Jama ficava pelas ruas, observando as pessoas, conversando com desconhecidos. Foi assim que fez amizade com Abdi e Shidaine, meninos sem-teto com 9 e 11 anos respectivamente. Segundo o narrador, naquela época, “meninos do mercado dos mais diferentes tons, credos e línguas se reuniam na praia para brincar, tomar banho e lutar. Eram um conjunto de doenças infecciosas, membros estropiados e deformidades” (Mohamed, 2022, p. 22). O romance constrói, assim, um panorama da infância de muitas crianças na África na década de 1930, período em que se passa a história. A falta de ancoragem, de uma sustentação familiar, gerou um número crescente de meninos e meninas que perambulavam sem rumo pela cidade.

Apesar do modo duro como a mãe o tratava às vezes, Jama percebia que havia uma forte ligação entre eles. Ela o chamava carinhosamente de Goode porque, quando o esperava, uma cobra mamba-negra havia se enroscado em sua barriga, um presságio de boa sorte. Goode era como a cobra era chamada em Somali.

Os problemas de relacionamento entre sua mãe e a Sra. Islaweyne eram frequentes e quando, em um momento de desavença, elas se atracaram na cozinha, os filhos desta a agrediram, atirando-a ao chão. Impotente para lutar contra eles,

o menino tentou defendê-la, jogando a sopa quente de uma panela sobre eles, queimando-lhes os pés. Depois disso, fugiu, jurando nunca mais voltar.

Juntando-se a gangue de Shidane, Jama aprendeu a viver nas ruas e seus objetivos, em resposta ao instinto de sobrevivência, passaram a ser encontrar comida, abrigo e evitar predadores. Sem saber onde comer e dormir a cada noite, por vezes, ele se imaginava

[...] ficando velho e fraco naquelas ruas cruéis e, por fim, sendo encontrado, como outros meninos do mercado que vira, frio e duro na sarjeta, sendo levado por uma carreta puxada por um burro para uma cova de indigente sem nome fora da cidade antes que cães vadios o transformassem em refeição (Mohamed, 2022, p. 47).

O reencontro com a mãe só ocorreu quando Jama descobriu que ela estava prestes a morrer. No leito de morte, a mãe lhe deu um amuleto *kitab*, em que havia cento e cinquenta e seis rúpias escondidas, com a recomendação de que só as gastasse em situação de extrema necessidade.

Com o falecimento de Ambaro, Jama perambulou pelas ruas, até que foi encontrado por uma mulher do seu clã e enviado à sua tia-avó. De volta a Hargeisa, na Somalilândia, ele é discriminado pelos parentes e decide fugir novamente para tentar encontrar o pai. Essa busca se delinea, a princípio, como a motivação para os sucessivos deslocamentos da personagem e acaba por imbricar-se com eventos históricos que ocorreram na região do Chifre da África, como a ocupação italiana.

Pegando carona em um caminhão, Jama consegue chegar ao Djibouti,² sem saber que era outro país. Lá, é acolhido por um homem que o encontrou desfalecido embaixo de uma árvore. Ao saber que o menino pretendia ir para o Sudão, ele o desaconselhou, mostrando-lhe um mapa:

— O Sudão é aqui. — Idea afundou o dedo em um país rosa. — Nós estamos aqui. — Outra unha rasgou um ponto roxo.
— Tudo no meio é controlado pelos italianos. — Idea alisou uma extensão de amarelo. — Tudo isso é um abatedouro, os italianos são demônios, podem aprisionar você ou colocá-lo no Exército deles. Eu leio nos jornais todos os dias que dez ou cinquenta eritreus foram executados. Não há uma cidade ou vila sem uma força. Eles matam videntes por preverem sua derrota e os trovadores por zombarem deles. Um menino somali frágil seria como um petisco antes da refeição do meio-dia para eles (Mohamed, 2022, p. 156).

A mobilidade do protagonista, a princípio pode ser definida como migração, visto que é voluntária. Entretanto, logo assume a característica de refúgio. Movido pela obsessão de encontrar o pai, Jama enfrenta a fome e o desabrigo até chegar a Omhaje, uma cidade “tomada por tendas militares e barracas de comida comandadas por antigos askaris” (Mohamed, 2022, p.127).

O pai de Jama tinha sido um *askari* e foi entre esses soldados que ele obteve a primeira informação concreta sobre o paradeiro dele. Descobriu que Guure

desertara ao ver as humilhações impostas aos *askaris* por soldados italianos, que os obrigavam, entre outras coisas, a ingerir urina.

Jibreel, um dos *askaris*, contou ao menino todo o sofrimento que presenciara: “Mulheres e crianças refugiadas pegando grãos não digeridos do esterco das vacas, homens macilentos com corpos como esqueletos móveis, morrendo sentados na estrada com os olhos escancarados” (Mohamed, 2022, p. 133).

Embora não conste na lista da ACNUR mencionada no início do texto, o romance registra uma outra razão para o refúgio: a fome. Ao longo da história, o protagonista encontra diversas pessoas que se deslocaram de seus países de origem para escapar à morte por inanição. No passado, a fome motivara Ambaro a deixar a Somália e ir para o Iêmen.

Graças a Jibreel, Guure, que se tornara motorista de caminhão no Sudão, fora avisado do paradeiro de Jama. No entanto, foi assassinado ao passar por um bloqueio militar quando vinha ao encontro do filho. A dor do menino é poeticamente registrada por Mohamed:

Jama pressionou o rosto contra o cascalho do páramo da Eritreia, sua viagem chegando a um final amargo. A Lua se escondeu, envergonhada, e vestiu Omhajer no preto de luto. Um a um, os planetas em torno dos quais orbitava a vida de Jama tinham girado para longe e o deixado em um universo onde ele era apenas escombros flutuando em uma obscuridade sem estrelas (Mohamed, 2022, p. 136).

Desse ponto em diante, a narrativa acompanha o protagonista na sua luta pela sobrevivência em um país estranho e em meio às agruras da guerra.

A autora enfatiza na entrevista a Christine Matzke que, para contar a história do pai, precisou recorrer a diferentes fontes, como, por exemplo, uma obra de A. J. Barker, intitulada *Eritrea 1941*, que lhe permitiu identificar as armas que eram usadas na época e outros dados que lhe permitiram imprimir ao texto uma visão mais detalhada da guerra.

Em *Menino mamba-negra*, Jama é exposto a toda forma de violência, pois os italianos se voltavam contra os próprios *askaris* quando não conseguiam vencer as batalhas:

Um homem vira os italianos forçando askaris a deitar na água enlameada de um riacho para que pudessem cruzá-lo sobre as costas deles. Sob os pés, corpos negros eram colocados uns sobre os outros, os homens mais embaixo se afogando, água suja gorgolejando para dentro de suas gargantas (Mohamed, 2022, p. 143).

No romance, a visão traumática de atos de violência tem um efeito inesperado em Jama, aguçando o seu instinto de sobrevivência. Um episódio significativo diz respeito ao período em que o protagonista trabalhou para um soldado italiano, que, ao contrário dos demais, tinha empatia pelo menino. O narrador sinaliza que, por ser judeu, esse soldado também era alvo de discriminação e

frequentemente ouvia ameaças veladas. Um dia, em uma caçada, Jama deixou um leopardo escapar, provocando a ira de um dos soldados que os acompanhava:

O italiano baixo estava a poucos passos e levantou o rifle. Um de seus olhos azuis se fechou em um punho branco e rosa; ele moveu os ombros e firmou a mira. Jama olhou para o cano do rifle apontado bem para seu rosto, alargando-se como as narinas raivosas de um touro que atacava, e mordeu a língua ao perceber o que o italiano estava a ponto de fazer. A arma disparou, e Jama viu a bala que era destinada a ele sair da narina esquerda da arma em uma explosão vermelha e laranja e passar sobre sua cabeça. O italiano alto tinha empurrado o nariz do rifle para o ar bem quando o baixo disparara (Mohamed, 2022, p. 147-148).

A discussão que se seguiu não foi de todo compreendida pelo menino, que, baseado nos gestos, percebeu que o soldado o ajudara mais uma vez, salvando-o. Com a morte do seu protetor em uma emboscada, Jama ficou subordinado a outro soldado italiano, para quem a violência era uma rotina. Uma das atribuições do protagonista era manter as moscas longe dele, e a passagem a seguir dá conta do medo que o soldado lhe inspirava:

Ao lado do braço grosso do italiano, esperava um chicote karbaash enrolado, de couro de hipopótamo. Jama sabia que, apesar da dor em seus músculos enfraquecidos pela malária, precisava continuar ou arriscava ter a pele arrancada. Civis e askaris desafortunados carregavam a geografia lívida das chicotadas nas costas. Os italianos usavam couro de hipopótamo porque o lado duro dele cortava a pele humana como lâmina. Cem chicotadas eram suficientes para matar um homem forte e saudável, e eles eram generosos com os golpes. Jama sentia que um golpe do chicote provavelmente o mandaria para o jannah, em seu estado delicado (Mohamed, 2022, p. 156).

O romance estabelece um diálogo com a História na medida em que aborda os efeitos do colonialismo na África, a exploração dos africanos e a violência do poder colonial.

Desde a década de 1880 a Itália tinha controle sobre parte da costa da Somália, a Líbia e a Eritreia (Hess, 1966). No período em que o romance inicia, a Abissínia já havia sido conquistada também, passando a fazer parte da África Oriental Italiana, que constituía uma grande ameaça às vias de comunicação e à unidade econômica e militar do Império Britânico. A presença italiana na região perdurou até 1941.

No artigo “Denied reality? Forced labour in italian cownies in Northeast Africa”, Bertizollo e Pietrantonio (2004) abordam as condições sub-humanas impostas aos colonizados. Mohamed não se furta a narrar episódios que confirmam a subjugação dos africanos. Mesmo tendo recebido uma chicotada na mão, que deixou a carne à mostra, Jama é obrigado a continuar abanando o mata-moscas para não sofrer punição pior:

É difícil se vingar de alguém que se teme, quando tudo a respeito dele – altura, posses, confiança – reforça a noção da própria inferioridade. Até a imaginação de uma criança se encolhe na presença do terror. Jama voltava todo dia para ser intimidado e humilhado apesar da doença zunindo em seus ossos, como uma mariposa atraída pela luz dura da onipotência italiana. Todos os dias askaris eram trazidos, e Jama observava sobre os ombros de Silvio enquanto o italiano os sentenciava ao enforcamento, a chicotadas ou a alguma tortura original que tinha inventado. Os somalis, eritreus e árabes eram como criancinhas idiotas diante dele. Jama estudou o modo como o italiano operava; aprendeu que nem a feiura física ou a fraqueza moral importavam no mundo dos homens. Um homem era respeitado se os outros homens o temessem, e o italiano de algum modo tinha resolvido o mistério de fabricar medo nas pessoas (Mohamed, 2022, pp. 158-159).

Depois de passar três dias em um galinheiro, com frio e fome, por ter chegado atrasado ao serviço, Jama foi solto e dispensado. Assim que se viu livre, partiu de Omhajer. Em Keren, na Eritreia, Jama ouviu pela primeira vez um discurso de Mussolini e, como os demais, se perguntou qual seria a situação deles diante da guerra declarada contra o Reino Unido e a França. Observa-se, nessa citação, pela primeira vez, o posicionamento do narrador, ao mencionar o ditador:

Todos os jovens ficaram calados; alguns se perguntavam se aquela guerra seria tão destruidora quanto a invasão do seu país, outros, se seria mais lucrativo tornar-se askari agora ou depois. Mussolini, o oportunista, o professor primário fracassado, aquele sífilítico vendedor de ideias caídas da traseira de um caminhão, aquele anão rosnador, calculara quantas centenas ou até milhares iria precisar matar antes que Hitler se dignasse a cortar para ele uma fatia do bolo da vitória. “Alguns milhares”, ele disse aos auxiliares, “é isso”. Fascistas passeavam pela África Oriental Italiana aliciando soldados para a atração vindoura, e jovens somalis, abissínios e eritreus eram enganados, persuadidos ou forçados a se alistar (Mohamed, 2022, p. 166-167).

Assim como outros adolescentes, Jama se alistou para a luta. Considerando a demarcação do tempo que acompanha cada lugar à guisa de título nos capítulos, Jama se tornou soldado aos 16 anos. Analfabeto, marcou com o polegar sujo de tinta onde mandaram e recebeu em troca “um rifle, uma camisa, um par de shorts, um cobertor, uma sacola com todos os tipos de miudezas, facas, cuias de lata, curativos de batalha, um cantil de água – mais posses do que ele jamais tivera”, além de “uma ração de farinha e um soldo de adulto de cinquenta liras por mês” (Mohamed, 2022, p.167). Ele agora fazia parte da Quarta Companhia:

Em sua tenra idade, não podia imaginar homens adultos enviando-o para sua morte; nem podia imaginar o tipo de matança mecanizada, anônima, que os italianos trariam para a África. Jama jamais vira guerra; as únicas batalhas que conseguia imaginar eram as rixas esporádicas nas quais os somalis nômades entravam, executadas de acordo com regras cortesias e rígidas que proibiam o assassinato de mulheres, crianças, velhos, pregadores e poetas (Mohamed, 2022, pp. 167-168).

Sua primeira tarefa, de sinalizador, o encantou, pois tinha de escrever mensagens com tiras de algodão branco. Por não ser alfabetizado, ele memorizava as letras do alfabeto italiano por meio de apelidos. Foi na execução dessa tarefa que ele reencontrou os antigos colegas de rua, Abdi e Shidane, e este último lhe confidenciou o desejo de, mais tarde, se alistar na Marinha Britânica. O romance registra que, em 1941, quando os italianos invadiram o Sudão, na luta dos italianos contra os ingleses e seus aliados, “dez mil balas por hora eram disparadas pelas armas britânicas e italianas, e, mesmo a mais de um quilômetro e meio de distância do front, os ossos de Jama eram chacoalhados pelas explosões” (Mohamed, 2022, p. 176).

À medida que os britânicos anunciavam em alto-falantes as derrotas italianas e o que ocorria na terra natal de cada grupo de askaris, estes começaram a desertar. Quando capturados, sofriam punições atrozes. “Atirando em desertores ou atando mãos e pés nas costas e lançando homens insubordinados em valas onde chacais esperavam por eles” (Mohamed, 2022, p. 178), os italianos mantinham os remanescentes obedientes. Eles também “amarravam askaris amotinados, normalmente somalis, a traseiras de caminhões e aceleravam pela estrada áspera até que não restava nada no fim da corda a não ser um par de mãos algemadas” (Mohamed, 2022, p. 178).

O racismo dos italianos é evidenciado na passagem abaixo:

Todo askari voltava da linha do front com uma história de horror – a matança diária, a falta de sono, cadáveres explodindo no calor, homens enlouquecendo com trauma de guerra, as maneiras malignas como os italianos humilhavam seus camaradas negros: — O bulabasha me disse para enterrar os corpos brancos, mas deixar os negros para apodrecer; eu não conseguia acreditar, todos tínhamos acabado de sacrificar a porra das nossas vidas por eles — esbravejou um askari eritreu. — Quando disse que ia enterrar todos juntos, ele levantou a pistola para mim (Mohamed, 2022, p. 178-179).

Jama e seus amigos são separados, e, após a tentativa de furtar algo comestível do depósito de suprimentos dos italianos, Shidane é preso, violentamente espancado, violado e morto. A descrição da tortura e do assassinato da personagem é contundente:

Podia sentir os ossos do queixo estilhaçando a cada golpe, e então suas entranhas foram estupradas com o bastão; com isso, sua alma morreu e esperou que o corpo a seguisse. Eles eram incansáveis; labutaram sobre ele como mecânicos desmontando um carro para sucata, vândalos destruindo uma obra-prima, dissecando Shidane. Precisavam ver como aquele corpo negro estranho, belo, operava, então o destruíram, levou horas, mas eram dedicados, e aquela talvez fosse a última chance que teriam de matar. Cristiano enviou Shidane de volta para o Deus pagão dele com um golpe na parte de trás da cabeça que enfiou pedaços de mosaico do crânio do menino em seu cérebro, rasgando seus dezesseis anos de sonhos, memórias e pensamentos em tiras sangrentas. Quando Shidane parou de se retorcer

e os italianos perceberam que a diversão tinha acabado, olharam para o cadáver enfadonho e pesado que jazia a seus pés e deixaram a barraca estimulados, mas insatisfeitos (Mohamed, 2022, 186-187).

Mohamed baseou a criação do personagem na história real de um jovem homônimo que foi morto nessas mesmas circunstâncias por soldados canadenses em 1993 na fronteira entre Etiópia e Somália. Fotos dos atos de violência foram feitas pelos soldados e posteriormente divulgadas. A autora teve acesso às imagens quando era adolescente e, obviamente, elas nunca foram esquecidas. Anos mais tarde, ao pesquisar sobre a ação dos soldados italianos na Eritreia, encontrou fotos semelhantes, razão pela qual decidiu incorporar a história de Shidane ao romance.

Jama foge após tomar ciência do que aconteceu com o amigo e, em sua peregrinação, encontra uma jovem com quem vem a casar-se. De certo modo, ele repete a história de seu pai, pois logo deixa a esposa e parte para tentar a sorte em outros locais e termina como foguista em um navio britânico. A saga de protagonista se encerra quando, anos mais tarde, após descobrir que havia se tornado pai, decide retornar à África.

Conquanto as muitas situações em que o protagonista obtém ajuda pareçam, às vezes, forçadas, como Oliveira (2019) ressalta, havia entre os somalis nômades uma espécie de pacto de ajuda mútua entre os clãs, que amenizaram as dificuldades encontradas pela personagem.

Pode-se dizer que a trajetória de Jama combina a condição de migrante e de refugiado, em momentos específicos. O romance, construído em um formato que se aproxima do *Bildungsroman*, tem também contornos de um épico, em que o deslocamento contínuo corresponde ao amadurecimento do protagonista, porém, as partes mais cruciais estão relacionadas à luta de Jama para sobreviver durante a guerra.

Permeada de dados históricos, a obra deixa entrever a perspectiva da autora sobre os eventos narrados, a suplementar os dados recuperados pela via da memória de seu pai. Muito embora a narrativa apresente instâncias de absoluta violência, Mohamed afirma que buscou imprimir à história a perspectiva do pai ante a adversidade, que consiste na busca de superação (Matzke, 2013), que atenua os efeitos do trauma.

A Somália, terra natal da autora, após mais de 20 anos de guerra civil e conflitos religiosos, enfrenta até os dias de hoje a problemática da incorporação de crianças e jovens à luta armada (Britto; Almeida, 2019).

1.2 De vítima a algoz: a história de um menino-soldado

Ao contrário do que ocorre em *Menino mamba-negra*, que se inicia com a decisão do protagonista de abandonar a casa em que vive e partir à procura do pai, a narrativa de *muito longe de casa*: memórias de um menino-soldado, parte de um evento traumático: o assassinato dos familiares do autor, Ishmael Beah, durante a Guerra Civil de Serra Leoa. Narrado em primeira pessoa, o livro contém o relato da trajetória de Beah desde 1991 até a sua fuga para os Estados Unidos.

Ao escrever um *memoir* — um tipo de escrita de si que difere da autobiografia por se restringir aos acontecimentos de um determinado período da vida do autor — Beah traz à baila questões que têm estado sob o escrutínio da crítica, como a fidelidade do relato. Segundo Paul Ricoeur (2007), o relato testemunhal depende de determinados fatores, como o nível de confiabilidade, visto que recorre às evocações da memória e a reafirmação da presença da testemunha no local da experiência como um modo de assegurar a plenitude da fala. Assim, os relatos de sobreviventes de guerra, se repetidos inúmeras vezes, podem transformar-se em arquivo e serem lidos em uma perspectiva historiográfica. Entretanto, o esquecimento “pode fazer parte da negociação de identidade estabelecida pelo sujeito em relação a seu passado” (Ferreira, 2011, p. 110-111) e, se o trauma pode obliterar a memória em casos particulares, como Michael Pollak (1989) nos faz lembrar, o silêncio é provocado pelo sentimento de culpa, geralmente devido à colaboração forçada com o inimigo. Em muitos países africanos, crianças têm sido recrutadas à força para ingressarem em milícias (Denov, 2010), e as que sobrevivem nem sempre têm coragem de se expor. Coragem que não faltou a Beah, quando tornou pública a sua trajetória de órfão de guerra a menino-soldado.

Em seu romance, ele narra os acontecimentos de um fatídico dia em 1993, quando, junto ao irmão, Junior, e um amigo, se dirigiu a Matru Jong, uma vila a aproximadamente 26 km de distância de sua casa, para participar de um show de talentos, e, no caminho, viu-se em meio à guerra, assim como o protagonista de *Menino mamba-negra*.

Como Carreira (2022, p.73) sinaliza, após a independência de Serra Leoa, em 1961, “os problemas decorrentes da era colonial persistiram e não houve por parte do governo um esforço no sentido de unificar os grupos sociais em prol do bem comum”. A crise social, econômica e política que se seguiu culminou no surgimento da Força Revolucionária Unida (Revolutionary United Front ou RUF), que planejava derrubar o governo e tomar o poder, prometendo ao povo igualdade na distribuição das rendas provenientes da venda de diamantes, principal riqueza do país. Nessa época, a RUF controlava o interior, onde as jazidas se encontravam, assim, as cidades entraram em colapso e o governo foi deposto em um golpe de estado em 1992. O Reino Unido suspendeu a ajuda econômica ao país no ano seguinte, no intuito de pressionar o líder revolucionário a convocar eleições diretas. Entretanto, mesmo com a eleição de Ahmad Kabbah, o conflito continuou.

A violência dos revolucionários causou um deslocamento em massa de refugiados. Dentre os crimes de guerra cometidos não apenas pela RUF mas também pelo exército, houve o engajamento forçado de crianças e adolescentes na luta armada. Segundo Correa (2013), eles constituíam 80% dos soldados. Muitas dessas crianças, com idades entre os sete e os catorze anos, haviam sido raptadas e sua utilização na guerra não se deveu à falta de soldados adultos.

Os onze anos de guerra civil resultaram em aproximadamente setenta mil mortos, dez mil amputados e dois milhões de pessoas que tiveram de deixar sua terra natal. Beah teve a sorte de ser resgatado por uma coalizão entre ONGs

e a UNICEF em 1996 e passou por um difícil processo de reabilitação que é relatado no romance.

O início da narrativa demonstra que, a princípio, nem todos os habitantes de Serra Leoa tinham consciência da dimensão da guerra:

Ouvíamos tantos tipos de histórias sobre a guerra que ela parecia estar acontecendo numa terra distante e desconhecida. Só quando os refugiados passaram a cruzar nossa cidade começamos a perceber que a guerra estava mesmo ocorrendo em nosso país. Famílias que haviam caminhado centenas de quilômetros relataram como seus parentes foram mortos e suas casas, queimadas (Beah, 2015, p. 6).

Os pais de Beah eram separados e ele e Junior, seu irmão, se dividiam entre duas casas, pois sua mãe vivia em outra localidade com o filho caçula. Os irmãos costumavam sair sem informar seu destino e, naquele dia, tinham decidido parar na vila onde a avó morava, quando receberam a notícia de que sua aldeia havia sofrido um ataque. Segundo as informações que obtiveram, o local para onde se dirigiam, Mattru Jong, seria o próximo alvo dos rebeldes. Ansiosos por notícias dos familiares, retornaram à aldeia natal e a encontraram em ruínas. Nunca haviam se defrontado com a violência antes, e as imagens que se descortinavam diante de seus olhos eram aterradoras:

Um grupo de homens e mulheres que havia sido atingido por balas perdidas veio correndo logo em seguida. A pele solta, pendendo dos corpos, ainda tinha sangue fresco. Alguns só notaram que estavam machucados quando pararam de correr e as pessoas apontaram para seus ferimentos. Outros vomitaram e desmaiaram [...] A última tragédia que vimos naquela noite foi uma mulher que carregava um bebê nas costas. Corria sangue pelo seu vestido, deixando um rastro atrás dela. Sua criança havia sido morta por tiros enquanto ela fugia. Para sua sorte, a bala não tinha atravessado o corpo do bebê. Quando parou onde nós estávamos, ela sentou e pegou a criança. Era uma menina, e seus olhos ainda se encontravam abertos, com um sorriso inocente no rosto. As balas podiam ser vistas saindo um pouco do corpo da criança, que começava a inchar e endurecer. A mãe agarrou a criança e a ninou. Ela estava sofrendo demais, e em tal estado de choque que não conseguia derramar uma lágrima. (Beah, 2015, p. 14-15).

O protagonista lembrava-se de ter ouvido o pai dizer que a política do país era corrupta, mas, com sua pouca idade, ele era incapaz de compreender o que levava seres humanos a cometerem as atrocidades que presenciaram. Sem apoio familiar, Beah e seu irmão passaram, assim, à condição de refugiados de guerra, transitando em espaços em que as leis de proteção não existiam. Os efeitos do trauma são assim relatados pelo narrador:

Na minha cabeça eu via fagulhas de chamas, partes de cenas que tinha testemunhado. As vozes agonizantes de crianças e mulheres se tornavam vivas na minha mente. Eu chorava baixinho enquanto minha cabeça pulsava como o badalo de um sino. Às vezes, quando a enxaqueca parava,

eu conseguia dormir por pouco tempo, para ser acordado pelos pesadelos. Certa noite sonhei que levava um tiro na cabeça. Eu estava deitado em meu próprio sangue e as pessoas passavam correndo por cima de mim. (Beah, 2015, p. 102-103).

A busca por notícias levou os irmãos a vagar de aldeia em aldeia e, em uma delas, descobriram que sua família sobrevivera e onde poderiam encontrá-la. Entretanto, o local foi atacado e todos os habitantes foram mortos. Enquanto buscavam um lugar seguro que lhes servisse de abrigo, eles foram capturados por soldados que os levaram a Yele, o local onde estavam baseados. O trajeto é marcado pelas imagens da violência: cadáveres com as vísceras expostas e cabeças esmagadas.

As crianças capturadas recebem fuzis e são submetidas a um treinamento impulsionado pela memória da violência de que elas mesmas tinham sido vítimas: “Visualizem a bananeira como o inimigo, os rebeldes que mataram seus pais, sua família, e aqueles responsáveis por tudo que aconteceu a vocês”, o cabo gritou (Beah, 2015, p. 112).

Há uma diferença entre o relato do engajamento de Jama na guerra, em *O menino mamba-negra*, e o de Beah. Se no livro de Mohamed há a informação de que houve quem se alistasse voluntariamente, caso de Jama, no de Beah há um engajamento forçado, seguido de uma forte pressão psicológica e do uso das drogas que os soldados consumiam, como a maconha, a cocaína, anfetaminas e o *brown-brown*, uma mistura de cocaína e pólvora sem fumaça que criava uma vasodilatação e permitia que a cocaína circulasse de forma mais intensa pela corrente sanguínea. Essa era uma estratégia para que o medo que os meninos sentiam a princípio fosse substituído pela insensibilidade, conforme descreve o autor:

Meu pelotão era minha família, minha arma era meu provedor e protetor, e minha lei era matar ou ser morto. Meus pensamentos não iam muito além disso. Estávamos lutando havia mais de dois anos, e a matança se tornara uma atividade diária. Eu não sentia pena de ninguém. Minha infância tinha passado sem que eu soubesse, e parecia que meu coração havia congelado. (Beah, 2015, p. 126).

Anos mais tarde, vivendo em Nova Iorque, conforme relata no capítulo 2, Beah sofre com a memória dos seus próprios atos, da frieza com que perpetrava e convivia com a morte:

Eu me via segurando um AK-47 e caminhando por uma fazenda de café com um pelotão de muitos meninos e poucos adultos. Íamos atacar uma cidadezinha que tinha munição e comida. Assim que saímos do cafezal, demos de cara com um grupo armado num campo de futebol vizinho às ruínas do que um dia fora uma aldeia. Abrimos fogo até que o último ser vivo do outro grupo caiu no chão. Andamos até os corpos, batendo uns nas mãos dos outros em comemoração. O grupo também era de meninos bem novos, como nós, mas não nos importamos com eles. Pegamos sua munição, sentamos sobre os corpos e começamos a comer a comida

cozida que eles levavam. Ao nosso redor, sangue fresco vazava através dos buracos de bala em seus corpos. (Beah, 2015, p. 21).

O resgate de Beah se deu quando o tenente Jabati, responsável pelo seu pelotão, foi contatado por uma ONG que, com o auxílio da UNICEF, buscava reintegrar socialmente as crianças envolvidas na guerra, e este o escolheu, junto a outros meninos, para serem reabilitados e ressocializados.

O local para onde foram levados reunia crianças que haviam lutado junto aos rebeldes e as que serviram ao exército. O encontro dos dois grupos resultava sempre em violência. Segundo o autor, “Não havia passado pela cabeça deles que uma mudança de ambiente não poderia imediatamente nos transformar em garotos normais; éramos perigosos, e tínhamos recebido uma lavagem cerebral que nos havia tornado assassinos. (Beah, 2015, p. 135). A insensibilidade adquirida por meio das drogas era substituída pelo efeito da síndrome de abstinência resultando em uma agressividade descontrolada. O pior, entretanto, estava por vir, quando os sintomas desapareceram dando lugar à lembrança de suas ações, como mostra a passagem a seguir:

[...] no meio da noite alguns de nós acordavam com pesadelos, suando, gritando e dando socos na própria cabeça para afastar as imagens que continuavam a nos atormentar mesmo quando não estávamos mais dormindo. Outros meninos acordavam, atacavam e começavam a enforcar quem estivesse na cama ao lado [...] Eu acordava suando e socando o ar. Corria para fora, até o meio do campo de futebol, e ficava balançando meu corpo para a frente e para trás, meus braços envolvendo as pernas. Tentava desesperadamente pensar na minha infância, mas não conseguia. As reminiscências da guerra tinham formado uma barreira que eu precisava quebrar para que conseguisse me lembrar de qualquer momento de minha vida anterior à guerra. (Beah, 2015, p. 149-150).

Contrariando, neste ponto, o pressuposto de Walter Benjamin (1987) da impossibilidade de relatar o trauma da guerra, Beah fez da escrita um processo terapêutico. Segundo Diego Frichs Antonello (2016), o relato testemunhal resulta da capacidade do eu em fazer frente à força destrutiva do trauma, usando a repetição em uma dimensão criativa, extraindo forças no interior da própria desgraça, para transformá-la em linguagem. Se para muitos a negação da experiência traumática se dá por meio do esquecimento (Pollak, 1989), no caso de Beah, a operação da memória corresponde a uma tentativa de superação.

O Centro de Reabilitação conseguiu localizar um tio de Beah por parte de pai que o acolheu com a promessa de não revelar a sua participação na guerra. Apesar de ter novamente um lar, o narrador sentia-se incapaz de lidar com todo o sofrimento que a culpa lhe imputava: “Deitei na minha cama noite após noite, encarando o teto e pensando: Por que eu sobrevivi à guerra? Por que fui a última pessoa em meu núcleo familiar mais próximo a permanecer viva? Eu não sabia” (Beah, 2015, p. 180).

No processo de ressocialização, ele foi convidado a dar depoimentos públicos e descobriu que assim poderia atrair a atenção das pessoas para a condição trágica dos meninos-soldado. As lembranças do que fizera, das pessoas inocentes que matara, da vida normal de que fora privado faziam com que ele quisesse “voltar ao começo e mudar tudo” (Beah, 2015, p. 191). Ao chegar a Nova Iorque, foi posto em contato com Laura Simms, uma senhora que se apresentou como uma “contadora de histórias”, que estava ali para ajudá-los a narrar suas experiências de um modo mais envolvente:

Às vezes Laura falava conosco a respeito de histórias que eu tinha ouvido quando era bem criança. Eu estava maravilhado pelo fato de uma mulher branca, do outro lado do oceano Atlântico, que nunca havia estado em meu país, conhecer histórias tão específicas da minha infância e da minha tribo. Quando ela se tornou minha mãe, anos depois, ela e eu sempre discutíamos se aquilo tinha sido o destino ou uma mera coincidência, o fato de que eu havia partido de uma cultura em que contar histórias era tão importante, para viver com uma mãe que era contadora de histórias em Nova York. (Beah, 2015, p. 198).

No dia em que deveria se dirigir ao público, ele recebeu um discurso que havia sido escrito para ele em Freetown, mas decidiu que o faria de improviso, conforme mostra a passagem a seguir:

Sou de Serra Leoa, e o problema que afeta a nós, crianças, é que a guerra nos força a fugir de nossas casas, a perder nossas famílias e a vagar sem rumo pelas florestas. O resultado disso é que acabamos envolvidos no conflito como soldados, transportando cargas e fazendo muitas outras tarefas difíceis. Tudo por causa da fome, da perda das nossas famílias e a necessidade de nos sentirmos seguros e parte de alguma coisa, quando tudo mais está destruído. Entrei para o exército, na verdade, por causa do assassinato da minha família. Eu também tinha que conseguir comida para sobreviver, e o único jeito era integrar um pelotão. Não era fácil ser soldado, mas tínhamos que fazer aquilo. Estou reabilitado agora, então não tenham medo de mim. Não sou mais um soldado; sou uma criança. Somos todos irmãos e irmãs. [...] Entrei para o exército para vingar a morte da minha família e para sobreviver, mas aprendi que, se vou me vingar, durante o processo vou matar outra pessoa que tem uma família, que também vai querer se vingar; e se vingar, se vingar, se vingar, até que a vingança nunca chegue ao fim. (Beah, 2015, p. 200).

A exposição pública da sua participação na guerra teve um efeito devastador no âmbito de sua vida particular, na medida em que passou a ser excluído pelos estudantes da St. Edward's Secondary School. Percebeu, assim, que só teria uma vida normal se o passado fosse silenciado. No entanto, uma reviravolta na política do país deu um novo rumo à sua existência. Em 25 de maio de 1997, Johnny Paul Koroma, o líder do Armed Forces Revolutionary Council (AFRC, Conselho das Forças Armadas Revolucionárias), comandou o levante que depôs Ahmad Kabbah, o presidente eleito democraticamente. Os rebeldes e os soldados

vindos dos campos de batalha tomaram conta de Freetown e durante cinco meses a percorreram saqueando, estuprando e matando pessoas. Mesmo temeroso de ser reconhecido e morto, Beah saía de casa para conseguir comida para a família. Nesse meio tempo seu tio adoeceu e morreu. Beah não queria ter de lutar novamente e decidiu pedir ajuda a Laura Simms.

No site *Human Rights Watch*, há uma postagem, datada de 31 de maio de 2000, que informa sobre a pressão feita pela RUF para que os ex-meninos-soldados voltassem ao *front*, ora recorrendo à ameaça de morte, ora prometendo reunir os meninos aos familiares que estes julgavam estar mortos.

A fuga de Beah implicou em uma viagem à Guiné, onde foi obrigado a usar de subterfúgios para escapar à extorsão dos soldados na fronteira. Com dificuldade, conseguiu chegar à embaixada de Serra Leoa na condição de refugiado. O relato de sua trajetória que resultou no romance corresponde ao que Tania Maria Cemin Wagner (2016) considera uma tentativa de ressignificar o trauma.

Sem ignorar que a memória tem seus limites e que mesmo os relatos autobiográficos têm suas lacunas preenchidas por impressões posteriores de seus narradores ou mesmo por possíveis elaborações do que ficou cristalizado na memória coletiva, corroboramos a perspectiva de Delgado (2006, p. 15) de que a escrita de si, no caso o *memoir*, pode fornecer “versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais”. Destarte, a dupla condição de Beah, como vítima e algoz, fornece uma perspectiva suplementar ao arquivo histórico sobre a guerra civil em Serra Leoa.

1.3 Infância em tempos de guerra: as narrativas de Mohamed e Beah em perspectiva comparada

Os relatos de crianças que, de algum modo, se viram envolvidas em conflitos bélicos apresentam semelhanças, pois há uma rememoração de como era a vida antes da guerra, a ênfase nos eventos traumáticos, a descrição da luta pela sobrevivência e, por fim, as circunstâncias do escape. Nas obras analisadas, essas etapas estão presentes, porém há divergências inerentes ao gênero narrativo e ao nível de envolvimento na guerra.

Em *Menino mamba-negra*, Nadifa Mohamed recria a trajetória do seu pai e anuncia no prólogo o caráter semiautobiográfico da narrativa. *Muito longe de casa*: memórias de um menino-soldado, por sua vez, como o título enfatiza, é uma narrativa memorialística, que, abrange um período da vida do protagonista. A escolha dos autores é relevante, pois, ao optar por narrar em terceira pessoa, Mohamed se exime do pacto autobiográfico, que consiste na identidade entre autor, narrador e personagem principal, permitindo-se enveredar pelos meandros da ficção, enquanto a narrativa em primeira pessoa de Beah busca transmitir ao leitor a veracidade dos fatos narrados.

Em ambas as obras há a evocação da vida antes da guerra. Jama é uma criança que se sente infeliz devido à condição precária de sua existência.

A pobreza, o desamparo e a ruptura de laços familiares o levam a partir em busca do pai. Beah, por sua vez, apesar da separação dos genitores, sente-se afetivamente amparado, se comporta e se diverte como os garotos de sua idade, até o fatídico dia do ataque às aldeias.

A participação dos protagonistas na guerra ocorre de modo diverso, pois Jama é levado a se alistar pela necessidade de sobrevivência e atua como um serviçal para os soldados italianos, sem pegar em armas. Diferentemente, Beah é capturado, obrigado a se tornar soldado e, com o uso de drogas e indução psicológica, é transformado em um assassino.

Os eventos traumáticos estão presentes em ambas as obras, porém, no romance de Mohamed, predomina a capacidade do protagonista de superar o trauma. A narrativa de Beah, por outro lado, denuncia a utilização do trauma como gatilho para o engajamento, doutrinação ideológico e insensibilidade dos meninos-soldados e aponta para os conflitos psicológicos que eles enfrentam devido ao seu duplo papel na guerra.

Por fim, o relato do escape demonstra a principal diferença entre a trajetória dos dois protagonistas. Jama consegue fugir e, mantendo o espírito aventureiro que o levou a deixar a casa, passa a trabalhar como foguista em um navio. Diversamente, após o resgate, Beah tem de conviver não apenas com a perda da infância e dos familiares, mas, principalmente, com o sentimento de culpa que o atormenta. A escrita das suas memórias tem, assim, uma função terapêutica.

Considerações finais

Os romances examinados apresentam a razão do abandono da terra natal, o relato das condições adversas de deslocamento e a luta pela sobrevivência e se coadunam, portanto, com o que denominei uma poética da literatura de refúgio. Há, no entanto, que destacar o fato de que Mohamed, ao optar pela narrativa em terceira pessoa — o relato na perspectiva do *arbiter*—, entremeando os registros obtidos pela técnica da história oral aos dados dos arquivos históricos sobre a ocupação italiana na Somália, bem como os efeitos da Segunda Guerra Mundial na configuração social e política do nordeste da África, imprime ao seu texto uma dupla finalidade: manter viva a memória de seu pai e produzir uma obra de ficção que homenageia os milhares de meninos que foram forçadamente engajados na guerra junto aos italianos nas montanhas da Eritreia, ou seja, de falar em nome deles, para devolver-lhes a palavra.

O romance de Beah, por sua vez, ao apresentar uma narrativa em primeira pessoa que se assume como autobiográfica, ou seja, o relato do *superstes*, registrando as atrocidades cometidas durante a guerra civil em Serra Leoa, busca fazer do leitor uma testemunha solidária, aquela que, além de se predispor a “ouvir” o relato insuportável do outro, compreende que a retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não o repetir.

O fato de que Beah o faz a partir da dupla experiência de vítima e algoz confere à narrativa um caráter ímpar. Sem a pretensão de eximir-se dos crimes que

cometeu, ao relatar as circunstâncias que o levaram à participação na guerra, ele se torna porta-voz das muitas crianças-soldados que ainda hoje são forçadamente compelidas à luta. Há, no entanto, como busquei ressaltar ao longo da análise, a questão da medida em que o relato memorialístico se vincula à experiência, visto que um *memoir* não pode ser interpretado como uma representação do real e sim como uma recriação da experiência mnemônica.

Embora a reação dos protagonistas à violência da guerra se dê de modo diferenciado nos dois romances, ambos convocam a atenção do público leitor para as consequências traumáticas da cooptação de crianças nos conflitos bélicos.

Notas

1. O *memoir* é uma narrativa presumidamente não ficcional baseada em um período específico da vida do autor, ao contrário da autobiografia, que abrange a trajetória de vida completa até o momento da escrita
2. País localizado na África Oriental, no assim chamado Chifre da África.
3. Soldado nas línguas árabe, turca, somali, persa e swahili. Designava os africanos que serviram nos exércitos das forças coloniais europeias.

Referências bibliográficas

- ACNUR BRASIL. **Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado**. 2011. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2011/3391.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ANTONELLO, Diego F. **Trauma, memória e escrita**: uma articulação entre a literatura de testemunho e a psicanálise. Tese de Doutorado em Memória Social. Programa de Pós-Graduação em Memória Social. 2016. 158f. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11546/Tese%20-%20Diego%20Fricks%20Antonello.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- BEAH, Ishmael. **Muito longe de casa**: memórias de um menino-soldado. Tradução Cecilia Giannetti. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.
- BERTIZZOLO, Flora; PIETRANTONIO, Silvia. A *denied* reality? Forced labour in italian cownies in Northeast Africa. **Africana Studia**, n 7, pp 227-246, 2004.
- BRITTO, Cláudia A. S.; ALMEIDA, Camilla F.de. Crianças-soldado, uma realidade atual em contexto internacional: a utilização de crianças e adolescentes em conflitos armados. **Revista de Direito**, Viçosa, v. 11, n. 1, p. 187-220, 2019.
- CARREIRA, Shirley de S. G. A Literatura como lugar de memória: uma análise de *Muito longe de casa*, de Ishmael Beah. **Rev. Bra. Lit. Comp.**, Porto Alegre, v. 24, n. 46, p. 71-84, jan./abr., 2022.
- CORREA, Ana Catarina. **Crianças-soldado**: o problema do Caso de Darfur. 206 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Escola de Direito, Universidade do Minho, Braga, 2013.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

- DENOV, Myriam. **Child soldiers**: Sierra Leone's revolutionary united front. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Políticas da memória e políticas do esquecimento. **Revista Aurora**, n. 10, p. 102-118, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4500>. Acesso em 20 fev. 2024.
- HESS, R. L. **Italian Colonialism in Somalia**. [s.n.]: London, 1966.
- LE VEM, Michel Marie et al. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, (org.). **Os Desafios contemporâneos de história oral – 1996**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.
- MATZKE, Christine. Writing a Life into History, Writing *Black Mamba Boy*: Nadifa Mohamed in Conversation. **Northeast African Studies**, v. 13, n. 2, pp. 207-224, 2013.
- MOHAMED, Nadifa. **Menino mamba-negra**. Trad. Marina della Valle. São Paulo: Tordesilhas, 2022.
- MOURÃO JUNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole C. Memória. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.28, n. 4, p. 780-788, 2015. DOI: 10.1590/1678-7153.201528416.
- NAÇÕES UNIDAS BRASIL. [1948] **Declaração universal dos direitos humanos**. 18 set. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 10 dez. 2023.
- OLIVEIRA, Vera S. **Narrativas da diversidade africana: fragmentos, memória e resistência em Black mamba boy e The orchard of lost souls, de Nadifa Mohamed e A grain of wheat, de Ngugi wa Thiong'o**. 2019. 297 f. Tese de Doutorado em Letras. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007. p. 25-142.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.
- SARMENTO- PANTOJA, Augusto. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, p. 5-18, jan.-jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35461> Acesso em: 24 fev. 2024.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>. Acesso em: 20 out. 2023.
- WAGNER, Tania Maria Cemin. A representação simbólica da ressignificação de um trauma. **Nonada: Letras em Revista**, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p. 120-129, set. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512454260011.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Recebido em: 13/04/2024

Aceito em: 22/10/2024